

Como sempre, Lydia foi ao banho sozinha.

Ela preferia assim, além de que nesse Verão não tinha quem a acompanhasse. Não precisava de se preocupar: o seu pai, que se sentava sempre num rochedo próximo a pintar as suas «marinhas», mantinha-a debaixo de olho, não fosse algum estranho aproximar-se demasiado.

Avançou até um local onde a água lhe dava um pouco acima da cintura e esperou, com os braços erguidos e as mãos enclavinadas na nuca, que os círculos na água se dissolvessem e o seu corpo de dezoito anos se reflectisse na suave ondulação.

Depois mergulhou, deu algumas braçadas e pôs-se a flutuar sobre as profundezas cor de esmeralda. Via com prazer como a água a sustentava — sentia-se tão leve. Nadava com braçadas lentas e compassadas. Hoje não via nenhuma perca. Às vezes brincava com elas. Numa ocasião, esteve tão perto de apanhar uma que picou a mão nas suas barbatanas.

Quando saiu da água, cobriu-se rapidamente com a toalha e deitou-se numa rocha cuja superfície havia sido alisada pelo mar, deixando que o sol e a leve brisa estival lhe secassem a pele. Primeiro deitou-se de barriga para baixo, para que o sol lhe desse nas costas. Tinha já todo o corpo muito bronzeado, e também na cara estava bastante morena.

Começou a divagar. Pensou que já era quase meio-dia. Para o almoço havia presunto assado com espinafres. Apetecia-lhe que chegasse depressa, embora o almoço fosse sempre a parte mais aborrecida do dia. O seu pai nunca falava muito, o seu irmão Otto era arisco e taciturno. De qualquer modo, ele andava com problemas. Queria formar-se em Engenharia, mas já havia demasiados engenheiros no

país, de modo que tinha pensado em emigrar para os Estados Unidos no Outono. O único que dizia alguma coisa era Filip, mas a ela nunca lhe interessava o que ele dizia — falava de precedentes, de estratégias legais, de promoções e outras tolices assim, que não interessavam a ninguém. Era como se falasse só por falar, e ainda por cima não parava de buscar com os seus olhos de míope os melhores bocados na travessa.

Na verdade, Lydia gostava muito do pai e dos irmãos. Parecia-lhe estranho que pudesse ser tão desagradável estar à mesa com as pessoas de quem mais gostava...

Deitou-se de costas e, apoiando nas mãos a cabeça, olhou para o azul.

Céu azul, nuvens brancas, pensou ela. Azul e branco... Tenho um vestido azul com renda branca. É o meu melhor vestido, mas não é por isso que gosto tanto dele. Há outro motivo. É o vestido que eu levava naquele dia.

Aquele dia.

Será que ele gosta de mim? Claro que gosta.

Mas gostará mesmo?

Recordou aquele dia, há não muito tempo, em que se sentaram os dois no caramanchão de lilases. Logo no início, ele tentou fazer-lhe uma carícia algo atrevida, e ela assustou-se. Mas ele percebeu de imediato que tinha ido demasiado longe e pegou-lhe na mão, a mesma mão que ela usara para o rechazar, e beijou-lha, como se dissesse: Desculpa.

Os seus pensamentos eram tão reais que os seus lábios se moviam, e ela ouviu-se murmurar: Amo-o.

Azul e branco... azul e branco... e o quebrar das ondas... repetidamente.

De súbito ocorreu-lhe que nunca até esse Verão se apercebera de como era maravilhoso banhar-se sozinha. Porque se sentiria tão bem? Quando as raparigas iam ao banho juntas, davam sempre muitos gritinhos e gargalhadas, armando enorme espalhafato. Era muito mais agradável nadar sozinha, em completo silêncio, escutando o marulhar da água ao bater nos rochedos.

Enquanto se vestia, trauteou uma canção:

*Juntos entraremos um dia
na igreja para casar,
e a minha mão será tua:
não a podes mais largar.*

Mas não pronunciou as palavras. Limitou-se a trautear a melodia.

O Sr. Stille, o pintor, alugava desde tempos imemoriais a mesma casita vermelha de pescador numa ilha distante, no arquipélago de Estocolmo. Pintava pinheiros. Dele se dizia que descobrira o pinheiro insular, tal como Edvard Bergh descobrira as bétulas do Norte da Suécia. O Sr. Stille gostava especialmente dos pinheiros banhados pelo sol após uma chuvada, com os troncos ainda húmidos e brilhantes. Mas não precisava do sol nem da chuva: sabia tudo de memória. Também gostava de pintar os reflexos vermelhos do sol crepuscular na fina casca avermelhada do topo das árvores e nos ramos nodosos e retorcidos. Nos anos sessenta fora galardoado com uma medalha em Paris. O seu pinheiro mais famoso estava pendurado nas Galleries du Luxembourg e tinha também dois quadros no Museu Nacional. Agora, no final da década de noventa, estava com mais de sessenta anos, e a crescente concorrência fora-o lançando aos poucos no esquecimento. De qualquer modo, continuava a trabalhar com diligência e assiduidade, como fizera durante toda a sua vida, e os seus pinheiros continuavam a ter procura.

“Para pintar não é preciso grande arte”, costumava ele dizer. “Há quarenta anos eu já era tão bom como hoje. Mas para vender, sim, é preciso ter arte, e dominá-la leva muito tempo.”

O seu segredo era simples: vendia barato, e graças a isso ia-se aguentando. Apesar de ter tido mulher e três filhos. Agora era viúvo, enviudara havia uns anos. Rude, hirsuto e nodoso, com pedacinhos duma pele saudável assomando aqui e ali por entre a barba, ele próprio fazia lembrar um velho pinheiro insular.

A pintura era a sua ocupação, mas a sua paixão era a música. Em tempos dedicara-se a construir violinos por puro prazer, e sonhara descobrir os segredos, durante tanto tempo caídos no esquecimento, do fabrico de violinos. Com o cachimbo pendurado na comissura

dos lábios, ele ainda se divertia a tocar nos bailes de sábado à tarde na ilha.

E entusiasmava-se quando lhe pediam que cantasse como segundo baixo nos quartetos. Era por isso que nesse dia se encontrava tão bem-disposto ao almoço.

“Esta noite vamos ter cantoria”, disse. “O barão Freutiger telefonou-me a dizer que vai passar por cá com o Arvid Stjärnblom e o senhor Loven.”

O barão tinha uma pequena quinta no outro lado da baía e era o seu vizinho mais próximo, tirando os pescadores da localidade, claro. Arvid Stjärnblom, estudante, e o senhor Loven, notário, eram seus hóspedes.

Com as faces em fogo, Lydia levantou-se apressadamente da mesa para ir buscar algo à cozinha.

“Hoje não tenciono cantar”, murmurou Filip.

“Então não cantes”, resmungou o seu pai.

Na realidade, havia um conflito naquele quarteto: havia dois primeiros tenores. O velho Stille era um bom segundo baixo. O barão confessava-se capaz de cantar qualquer voz «de maneira igualmente abominável», e decidira entrar como barítono. Arvid Stjärnblom participava como segundo tenor, mas a honra e a responsabilidade de cantar como primeiro tenor tinham de se partilhadas por Filip e pelo senhor Loven. Filip tinha uma voz de tenor clara e ligeira, decididamente lírica. A voz de Loven, porém, era esmagadora: ao seu lado não havia espaço para a delicada voz de Filip. Constava que lhe tinham oferecido um lugar na Ópera. Em contrapartida, Filip orgulhava-se de ser indispensável em certos trechos mais subtis, já que o seu rival só dispunha de duas cordas para tocar: *forte* e *fortissimo*. Além disso, o senhor Loven tinha um grande inimigo: quando se deixava tomar demasiado pela emoção, a voz falhava-lhe, e às vezes até desafinava.

Otto quebrou o silêncio.

“Quanto apostas que vais mudar de opinião? Nunca conheci nenhum tenor capaz de manter a boca fechada quando ouve outros a cantar.”

“Podes cantar as partes que se adaptem melhor à tua voz”, disse o pai.

Filip tinha um ar abatido, enquanto ia comendo os seus espinafres. Estava a pensar que talvez fizesse a concessão de cantar «Porque Estás tão Longe?» e, quem sabe, alguma outra canção popular. Recordava-se da última vez que cantara «Porque Estás...». Loven adiantara-se-lhe, vociferante, e o barão batera de súbito com o diapasão na bandeja dos ponches, dizendo: «Cala a boca, Loven, e deixa o Filip cantar essa! Ele não precisa que lhe ensinem.» Recordou quão maravilhosamente cantara dessa vez.

Lydia voltou para a mesa.

“Fui saber o que havia para jantar”, disse ela. “Outra vez presunto, além de arenques, batatas e a perca do Otto. Mais nada.”

“E conhaque e cerveja e araca”, acrescentou Otto.

“Excelente! Não precisamos de mais nada”, disse o velho Stille. “São alimentos requintados, todos eles — manjares dignos de deuses.”

O Sol de final de Agosto estava já pôr-se, quando o pequeno veleiro do barão dobrou o promontório. O vento parara de soprar. Como a vela estava desenfundada, os ocupantes remavam. Ao aproximarem-se, arriaram a vela e pararam de remar. O barão deu a nota com o diapasão e, sobre o suave balanço da ondulação, os três no barco começaram a cantar um trio de Bellman.

*A pressurosa onda sossega
Enquanto Éolo agoniza
E da margem escuta
Um eco de bandolim.*

*Onde a lua incide no mar
Cintilam as águas calmas e frias.
A lilás e jasmim recende o luar.*

*Borboletas douradas e verdes
Pousam aqui sobre uma flor.
Em breve a terrosa larva
Sua casa deixará.*